

Nota sobre o uso de habitat por *Amaurolimnas concolor* (Gosse, 1847) (Rallidae, Gruiformes) em Ubatuba, São Paulo, Brasil

Edélcio Muscat¹, Elsie Laura Rotenberg¹, Carlos Alberto Chagas¹ & Andrea Ferrari²

Rallidae é uma família pertencente à ordem Gruiformes que compreende 17 gêneros e 42 espécies no Brasil (CBRO 2014). São aves de tamanho muito variável, com corpo lateralmente comprimido, o que facilita a circulação entre a densa vegetação rasteira. Possuem algumas características físicas peculiares como: pés e dedos longos; cauda curta; bico forte comprido ou curto, lateralmente comprimido e com ou sem escudo frontal na base; asas curtas, largas e arredondadas. O voo é fraco, baixo e de curta distância. São animais inquietos que geralmente vivem próximos à água, com exceção de *Laterallus viridis* e *Micropygia schomburgkii*, que se adaptaram bem a terrenos secos (Taylor 1996, Sick 1997). A ampla distribuição mundial da família é um reflexo da capacidade de adaptação dos ralídeos a uma diversidade de ambientes; podem ser encontrados em quase todos os lugares, exceto nas regiões polares, nos desertos praticamente sem água e acima da linha de neve das montanhas. São encontrados em pântanos e zonas úmidas costeiras. Os requerimentos de habitat de poucas espécies de ralídeos foram estudados, porém, para algumas espécies de áreas úmidas e florestais, que se alimentam principalmente de invertebrados, a estrutura da vegetação e a natureza do substrato podem ser os fatores mais importantes que influenciam na seleção do habitat (Taylor 1996).

Amaurolimnas concolor é um ralídeo que mede entre 20 e 23 cm; possui cabeça e ventre marrom-avermelhados e dorso marrom. Ocorre a partir do sul do México até o sul do Brasil, em florestas úmidas, pântanos, beiras de manguezais e de riachos, especialmente em áreas com folhas mortas e com presença de helicônias (Muscaceae) (Kiff 1975, Ripley 1977, Teixeira *et al.* 1986, Taylor 1996, Taylor & van Perlo 1998, Bornschein & Reinert 2000, Grantsau 2010). Sua dieta consiste em minhocas, insetos, aranhas, pequenos sapos, lagartos e também sementes e bagas (Taylor 1996). Embora esta ave florestal possua uma extensa distribuição, são poucos os registros no território brasileiro (Sick 1997).

Segundo a IUCN (2012), o estado de conservação de *Amaurolimnas concolor* é pouco preocupante, devido à extensa área de distribuição da espécie. Entretanto, acredita-se que sua po-



Figura 1. Floresta paludosa I utilizada para dormitório por *Amaurolimnas concolor*. Foto: Edélcio Muscat.

pulação esteja decrescendo (IUCN 2012), o que pode em um futuro próximo colocá-la em um estado de espécie vulnerável. O avanço contínuo da destruição de florestas úmidas e a perda de habitat pode se tornar um fator preocupante.

O objetivo deste estudo foi caracterizar os ambientes que *Amaurolimnas concolor* utilizou para dormitório e forrageamento em um fragmento de Mata Atlântica no município de Ubatuba, São Paulo. A Mata Atlântica, floresta tropical que se estende pela faixa litorânea do Brasil, possui uma extraordinária biodiversidade. Muitas espécies da Mata Atlântica foram pouco estudadas, caso da saracura-lisa, *A. concolor*, provavelmente por ser raramente avistada, pois geralmente está confinada a áreas de várzea, ao longo de córregos na mata e outros habitats úmidos bem florestados e de difícil acesso.

Material e Métodos

O estudo foi realizado em uma área pertencente à ONG Projeto Dacnis (23°27'42"S, 45°08'14"W), situada no bairro do Sertão das Cotias, Ubatuba, São Paulo. A área totaliza 405.000 m² de Mata Atlântica de baixada, caracterizada pela transição entre encostas e baixadas, com trechos de Mata Paludosa. O clima da cidade de Ubatuba é categorizado como Af pela classificação climática de Köppen-Geiger, caracterizado pelo clima tropical chuvoso com precipitação média do mês mais seco superior a 60 mm e índice pluviométrico anual em torno de 3.000 mm.

O estudo foi realizado entre os dias 12 de setembro de 2013 e 03 de fevereiro de 2014, com média de 2 h por dia, totalizando



Figura 2. Floresta paludosa II utilizada para dormitório por *Amaurolimnas concolor*. Foto: Edécio Muscat.



Figura 4. Entorno de rio com vegetação exótica utilizado por *Amaurolimnas concolor* para forragear. Área II. Foto: Edécio Muscat.

48 h de esforço amostral. Foram feitas visitas matutinas e noturnas nas quais caminhávamos até escutar ou visualizar as aves. Cada vez que as aves foram visualizadas ou ouvidas fizemos uma caracterização do local e foi possível classificar em áreas utilizadas para forrageamento e dormitório. Foram feitos registros auditivos e fotográficos das aves e medidas dos poleiros com auxílio de lanternas, câmera fotográfica, binóculos 8x40, trena e GPS. O local de estudo é heterogêneo e abrange áreas com solo úmido, estrato herbáceo, arbustivo, arbóreo, beira de rio, poças temporárias e permanentes e áreas antropizadas.

Resultados e Discussão

As áreas utilizadas pelas aves foram caracterizadas como poleiro e forrageamento

Áreas de poleiro I e II: Locais em que as aves foram encontradas empoleiradas à noite. Estas áreas podem ser denominadas florestas paludosas, com ambiente composto por emaranhados de cipós, raízes, epífitas, musgos, estratificação vegetal musgosa, arbustiva e arbórea, solo lodoso, riachos, poças permanentes e temporárias e muitas pedras. São áreas de difícil acesso. Área I: 23°27'59"S, 45°08'48"W, 17 m acima do nível do mar (a.n.m.) (Figura 1); área II: 23°27'71"S, 45°07'98"W, 23 m a.n.m. (Figura 2).

Áreas de atividades diurnas I e II: Nestes locais foi possível escutar as aves durante as manhãs e tardes e, provavelmente, sejam áreas destinadas ao forrageamento. Ambiente lodoso em borda de mata, com pequenos rios e poças temporárias, vegetação de pequeno porte (arbustiva), com aglomerados de espécies exóti-



Figura 3. Entorno de rio com vegetação exótica utilizado por *Amaurolimnas concolor* para forragear. Área I. Foto: Edécio Muscat.



Figura 5. *Amaurolimnas concolor* empoleirado na área de dormitório II. Foto: Edécio Muscat.

cas invasoras como lírio do brejo (Zingiberaceae) e helicônias (Musaceae). Área I: 23°27'73"S, 45°08'18"W (Figura 3); área II: 23°27'66"S, 45°08'37"W (Figura 4), ambas a 21 m a.n.m.

Fizemos apenas registros auditivos de um casal de aves na área de poleiro I devido à dificuldade de entrar no ambiente. Os primeiros registros de vocalização da espécie que caracterizou a primeira área de poleiro foram realizados nos dias 26 de setembro, 06 de novembro e 19 de dezembro de 2013, entre 19:00 h e 21:00 h (horário de verão). As vocalizações foram gravadas e constam nos acervos do Projeto Dacnis. Apesar de o padrão de atividade dos ralídeos ser pobremente estudado, sabe-se que muitas espécies são ativas durante o dia e empoleiram à noite. De acordo com Taylor (1996), algumas espécies de ralídeos apresentam chamados de alarme ao longo da noite, em suas áreas de dormitório, durante a fase reprodutiva, apesar de não exibirem qualquer outro comportamento, como deslocamentos ou forrageamento noturno. É possível que as vocalizações observadas à noite tenham acontecido devido à fase reprodutiva, mas também podem ter sido uma resposta à presença humana nas trilhas. Assim, um acompanhamento das aves ao longo do ano poderia fornecer maiores informações. Muitas espécies são predominantemente crepusculares e demonstram pico de atividade, incluindo intensivo forrageamento, logo após deixarem o poleiro pela manhã e novamente no final da tarde (Taylor 1996). Não fizemos um acompanhamento de 24 h da rotina das aves, mas notamos que as vocalizações observadas nas áreas de atividade diurna/forrageamento I e II aconteciam na fase matutina e

também no final da tarde. Um acompanhamento diário das aves, preferencialmente ao longo do ano, seria interessante para maiores esclarecimentos sobre o padrão de atividade de *A. concolor*.

Fizemos o primeiro registro fotográfico de um espécime na segunda área de poleiro, aproximadamente às 19:30 h do dia 27 de janeiro de 2014. Após o registro auditivo, adentramos com muita dificuldade na mata e encontramos o indivíduo no poleiro a 2 m do chão, num galho de aproximadamente 5 cm de diâmetro, forrado de líquens, musgos e epífitas (Figura 5). Depois, fotografamos um casal em 30 de janeiro de 2014. As aves estavam empoleiradas a 3 m do chão, em galho e ambiente com as mesmas características do primeiro registro visual. No terceiro registro fotográfico, no dia 03 de fevereiro de 2014, um casal estava empoleirado a 2,70 m do chão, próximo aos poleiros dos encontros anteriores (Figura 6). Os registros fotográficos foram realizados no interior da mata, respeitando uma distância mínima de 5 m para não estressar os animais e conseguir monitorá-los empoleirados.

Fizemos registros auditivos diurnos das aves nas áreas de atividade diurna I e II nos dias 12, 18, 21 e 25 de setembro de 2013; 01, 05, 13, 27 e 29 de outubro de 2013; 05, 09 e 15 dezembro de 2013; 04, 07, 16, 19 e 22 de janeiro de 201, e 02 de fevereiro de 2014. As vocalizações sempre foram próximas dos observadores. Tentamos localizar as aves em todos os encontros com o auxílio do *playback*, mas não tivemos sucesso. Observamos a presença de *Pardirallus nigricans* nas áreas de forrageamento I e II, indicando uma possível sobreposição de área com *A. concolor* (Figura 7). Estas áreas possuem menor densidade e diversidade vegetal, quando comparadas com as áreas de dormitório, e são compostas essencialmente por espécies exóticas. Alguns gruiformes evitam pântanos com altas densidades de troncos ou com grandes quantidades de vegetação residual que impedem a movimentação das aves. Costumam utilizar áreas com cerca de 40 a 70% de vegetação vertical emergente intercalada com manchas de águas, lodos ou emaranhado de vegetação, onde encontram seus itens alimentares. Há relatos de espécies de aves gruiformes que utilizam habitats modificados pela ação do fogo (*Sarothrura rufa*) e com presença de vegetação exótica (*S. elegans*) (Taylor 1996).

De acordo com nossas observações, o casal de *A. concolor* utiliza áreas lodosas, com vegetação exótica, com menor densidade vegetal e maiores possibilidades de deslocamento para forragear, ao passo que utiliza áreas florestais mais densas para dormitório, pois ali não há necessidade de grandes deslocamentos e áreas mais fechadas podem oferecer maior proteção contra predadores.

Agradecimentos

Agradecemos ao Projeto Dacnis pela oportunidade e apoio ao trabalho e a Marcos Eugênio Cursino por ter feito a identificação da espécie pela vocalização no local de estudo.

Referências bibliográficas

CBRO - Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2014) **Listas das aves do Brasil**, 11ª Edição, 1/1/2014. Disponível em: <www.cbro.org.br>. Acesso em: 03 de abril de 2014.



Figura 6. Casal de *Amaurolimnas concolor* empoleirado na área de dormitório II. Foto: Edélcio Muscat.



Figura 7. *Pardirallus nigricans* na área de forrageamento I. Foto: Edélcio Muscat.

- Bornschein, M.R. & B.L. Reinert (2000) Aves de três remanescentes florestais do norte do estado do Paraná, sul do Brasil, com sugestões para conservação e manejo. *Revista Brasileira de Zoologia* 17(3): 615-636.
- Grantsau, R. (2010) **Guia completo para a identificação das aves do Brasil**, v.2. São Carlos: Vento Verde.
- IUCN (2012) **IUCN Red List of Threatened Species**. Versão 2013.2. Disponível em: <www.iucn.redlist.org>. Acesso em: 04 de abril de 2014.
- Kiff, L.F. (1975) Notes on southwestern Costa Rican birds. *Condor* 77:101-103.
- Ripley, S.D. (1977) **Rails of the World: a monograph of the family Rallidae**. Toronto: M.F. Feheley Publishers Limited.
- Sick, H. (1997) **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Taylor, P.B. (1996) Family Rallidae (Rails, Gallinules and Coots), p. 108-209. In: del Hoyo, J., A. Elliott & D. Christie (eds.) **Handbook of the Birds of the World**, v. 5. Barcelona: Lynx Ediciones.
- Taylor, B & B. van Perlo (1998) **Rails: A guide to the rails, crakes, gallinules and coots of the world**. Sussex: Pica Press.
- Teixeira, D.M., J.B. Nacinovic & M.S. Tavares (1986) Notes on some birds of northeastern Brazil. *Bulletin of the British Ornithologists' Club* 106: 70-74.

'Projeto Dacnis. Estrada do Rio Escuro, 4754, Sertão das Cotias, 11680-000. Ubatuba, SP, Brasil.

E-mail: edelciomuscat@terra.com.br

²Departamento de Ecologia, Laboratório de Ecologia de Aves, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, Rua do Matão, 321, Travessa 14. São Paulo, SP, Brasil.